

Daniele
Thomaselli
Vasques de
Oliveira e Rafael
de Mattos Teixeira

Graduandos em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e membros do corpo editorial do Cosmopolítico

O DIREITO DA MULHER AO ESPORTE NO ORIENTE MÉDIO: A PRESENÇA FEMININA EM ESTÁDIOS IRANIANOS

Em 2016, o Rio de Janeiro sediou os Jogos Olímpicos e, durante esse evento de relevância global, a iraniana Dayra Safai expôs uma faixa em protesto a favor da liberação da entrada de mulheres nos estádios em seu país. No entanto, naquela ocasião, uma proibição a manifestações de cunho político nos espaços reservados aos jogos esportivos na cidade fez com que seguranças reprimissem o ato. Apesar de ser impedida de levar seu protesto adiante, imagens impactantes da mensagem estampada na faixa a qual continha um apelo para que as mulheres iranianas possam adentrar os estádios nacionais (*Let Iranian women enter their stadiums*) circularam pelas redes sociais, fazendo com que se cumprisse o objetivo de causar revolta. Desta forma, Dayra conquistou o apoio de várias pessoas de diversos países à causa das mulheres iranianas.

Cynthia Enloe (2014), em sua obra *Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of International Politics*, parte da prerrogativa de que, para compreender os moldes e dinâmicas da política internacional, é preciso investigar o funcionamento das masculinidades e feminilidades na construção de desigualdades de gênero



e delimitação de fronteiras ao lugar da mulher na sociedade. Isso porque os papéis de gênero socialmente atribuídos corroboram ao discurso da mulher como não pertencente ao universo do futebol, historicamente masculinizado. Nesse sentido, a participação feminina no ambiente esportivo está inexoravelmente atrelada à busca por se fazerem valer os Direitos Humanos.

Retificados pelos povos na Carta das Nações Unidas de Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 1948, visando garantir a dignidade das pessoas e o progresso social com equidade, os Direitos Humanos são aqueles fundamentais e inerentes a todos os indivíduos, independentemente de gênero, raça, classe, nacionalidade, religião ou quaisquer outros fatores (HAUSEN; LAUNIALA, 2015). Existe um compromisso internacional e órgãos intergovernamentais dedicados a avançar na universalização dos princípios formalizados. Dentre esses direitos os quais devem ser assegurados aos seres humanos, de forma ampla e inclusiva, está o direito ao esporte, seja nas quadras ou nas arquibancadas.

Em outubro de 2018, o Comitê Olímpico Internacional promoveu o Fórum *Olympism in Action* (WATTA, 2018), cujo objetivo era discutir as problemáticas presentes na agenda do esporte, além de debater acerca das oportunidades e desafios que envolvem o universo esportivo. Nesse sentido, na sessão sobre o Esporte como Direito Humano (*Sports as a Human Right*) realizada no evento, Juan Pablo Salazar, ativista pelo direito das pessoas com deficiência e membro colombiano do Conselho Directivo do Comitê Paralímpico Internacional, atestou a necessidade de se criar novas políticas públicas que atribuam aos governantes o compromisso de aprimorar as estruturas destinadas à prática do esporte para que se tornem cada vez mais inclusivas - e mais ainda, ferramentas de direito internacional que tenham a missão de tornar globais estas políticas de modo a perpetuar e ampliar a cultura esportiva - tendo em vista que esta não costuma ser uma preocupação dos chefes de estado interessados em se reeleger (IQBAL, 2018).

Ademais, no mesmo fórum, uma mesa sobre Mulheres no Esporte (*Women in Sports*) se debruçou sobre o acesso ao esporte como instrumento de empoderamento e igualdade de gênero. Existem ainda, entretanto, muitos desafios para tornar este espaço - majoritariamente dominado por homens - diverso, inclusivo e igualitário na prática. Por isto, Phumzile Mlambo-Ngcuka, Sub-Secretária-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e Diretora Executiva

da ONU Mulheres, atesta a necessidade de investigar as diferentes barreiras que mantêm mulheres afastadas do esporte ao redor do mundo. Quando falamos do Irã, é impossível dissociar religião e questões de gênero ao buscarmos a origem da supressão do direito das mulheres de participar ativamente do meio esportivo.

A proibição da presença feminina em estádios iranianos se iniciou em 1981, em consequência da Revolução Islâmica de 1979 que derrubou a Monarquia Autocrática e transformou o país em uma República Teocrática com o comando do aiatolá Ruhollah Khomeini. A radicalização do islã que se sucedeu nesse contexto, entre outros motivos em razão do descontentamento de parte da população com a ocidentalização da cultura local, partiu de uma interpretação que provocou retrocesso na conquista de direitos das mulheres. Isso porque, tal qual em outras religiões, tanto ocidentais quanto orientais, a mulher é vista como mantenedora do lar dentro do modelo familiar do Alcorão, tendo sido em alguns aspectos afastada da vida pública nacional.

Um exemplo disso é o impedimento de entrarem em estádios de futebol no Irã. Embora nunca tenha sido uma segregação oficialmente promulgada, as autoridades locais passaram a barrar a entrada feminina em jogos futebolísticos masculinos após a Revolução, sob o argumento paternalista de que o ambiente não era seguro para mulheres, tendo em vista o comportamento dos torcedores homens. Além disso, as mulheres também não podiam protagonizar jogos oficiais da Federação Internacional de Futebol (FIFA) em razão da proibição do uso do *hijab* pela organização esportiva, que passou a ser obrigatório no país após a Revolução (HOMEWOOD, 2012).

Essa medida restritiva, porém, não foi encarada com aceitação e receptividade pelas mulheres iranianas, que constantemente reivindicam seus direitos, como cidadãs e humanas, de participação ativa e plena na sociedade. Em sua luta, elas são apoiadas, inclusive, pelo feminismo islâmico, vertente preocupada em garantir igualdade de direitos e justiça social entre todos os muçulmanos. Em âmbito internacional, as mulheres muçulmanas, aos poucos, foram revertendo a situação, mudando a percepção de importantes atores sobre os seus direitos ao esporte e conquistando cada vez mais apoio. Um exemplo dessa alteração são algumas organizações esportivas que anteriormente, de certa forma, contribuíram para a exclusão de mulheres nos estádios e hoje formam uma voz mais ativa contra essa exclusão.

Um ponto de partida interessante para entender essa virada pode ser um fato que repercutiu em todo o mundo no ano de 2011, apesar dessa situação não ser inédita com mulheres muçulmanas. A seleção feminina do Irã foi desclassificada das eliminatórias dos Jogos Olímpicos de 2012, pois as jogadoras se recusaram a tirar seus véus islâmicos durante uma partida contra a seleção da Jordânia. O problema, segundo a FIFA, em um entendimento que várias outras federações desportivas também adotaram de forma semelhante “é que regras esportivas de várias modalidades vedavam o uso do *hijab* em competições, alegando que ele poderia comprometer a saúde dos atletas, aumentando o risco de lesões na cabeça e no pescoço” (KAMPFF, 2018).

Shireen Ahmed, do jornal *The Guardian*, teve um entendimento diferente ao criticar de forma taxativa essa situação, dizendo que “este não era um caso de mulheres muçulmanas oprimidas por sua fé, era um caso sério de mulheres sendo excluídas por regras draconianas, mergulhadas na islamofobia e na ignorância de gênero, criadas por homens” (AHMED, 2019, tradução nossa). À época, o vice-presidente da FIFA e príncipe da Jordânia, Ali Bin Al-Hussein, foi uma voz potente contra essa exclusão, dizendo que essa proibição estava afastando as mulheres muçulmanas do futebol, ressaltando a importância do esporte mais popular do mundo ser acessível a todos e apresentando uma proposta para ser discutida na *International Football Association Board* para eliminar tal impedimento e permitir que mulheres muçulmanas joguem com um *hijab* de design especial (JOHNSTON, 2012).

Houve ainda uma série de campanhas lideradas principalmente por mulheres muçulmanas para que a proibição fosse revogada, em que se destacaram uma série de jovens ativistas, como a australiana Assmaah Helal. A campanha repercutiu de tal forma que a Organização das Nações Unidas se pronunciou sobre o caso, no momento em que o assessor especial do secretário-geral da ONU sobre esporte para o desenvolvimento e a paz expressou apoio ao direito das mulheres jogarem utilizando seus véus (HOMEWOOD, 2012). Dessa forma, criaram-se as condições para a proposta do príncipe jordaniano ser aprovada de forma experimental em 2012, tornando-se definitiva em 2014, quando a FIFA finalmente permitiu o uso de véus religiosos adaptados nos campos.

Somado a isso, a Federação Internacional de Futebol escolheu o Reino Haxemita da Jordânia para ser a sede da Copa do Mundo de Futebol Feminino Sub-17 em 2016, tornando-se o primeiro torneio da Federação a ser realiza-

do no Oriente Médio. A escolha, que ocorreu pouco tempo após a autorização para o uso do véu em partidas de futebol, foi vista como uma mensagem clara da organização para o mundo, resumida pela diretora executiva do comitê organizador local do evento, a ex-nadadora Samar Nassar, em uma forma de ajudar a aumentar a conscientização das pessoas sobre o futebol feminino, fazendo com que elas o apoiem, e incentivar as mulheres a praticarem o esporte, desenvolvendo-o na região (COLLETT, 2015).

A luta das mulheres iranianas para entrarem em seus estádios pode ser entendida de forma relativamente parecida, se antes existia uma grande apatia de atores internacionais para com a situação das iranianas, com o aumento das reivindicações e com as repercussões de seus protestos cada vez maiores, a situação se reverteu e vários atores passaram a apoiá-las.

Um ponto de inflexão para analisar essa situação pode ser encontrado em setembro de 2018. Com a proibição da presença das mulheres em estádios, uma prática tornou-se cada vez mais comum: as iranianas passaram a se fantasiar de homens para poder assistir ao esporte mais popular de sua República. Sahar Khodayari, ao tentar burlar a proibição, acabou sendo presa e levada a julgamento. Diante do Tribunal Revolucionário Islâmico do Teerã ela colocou fogo em seu próprio corpo e acabou morrendo (HEIN, 2019). Esse fato chocou os iranianos e levou autoridades, famosos e atores internacionais a se manifestarem sobre o assunto, passando a criticar a proibição e a apoiar as reivindicações.

Por meio de seu diretor de pesquisa e advocacia para o Oriente Médio e o Norte da África, Philip Lutero, a Organização Não-Governamental de direitos humanos, a Anistia Internacional, se manifestou sobre o caso afirmando que “[...] o Irã é o único país do mundo que para e pune as mulheres que procuram entrar nos estádios de futebol. Essa proibição discriminatória deve terminar imediatamente e a comunidade internacional [...] deve tomar medidas urgentes para acabar com a proibição [...]” (INTERNACIONAL, 2019).

A FIFA, por meio principalmente de seu presidente, o suíço Gianni Infantino, aumentou consideravelmente suas críticas à proibição, deixando claro o seu desejo de anulá-la. Um sinal de apoio ocorreu em 15 de junho de 2019, quando torcedores com frases de protesto sobre a condição das mulheres no Irã em suas camisas foram retirados de um estádio por serem consideradas manifestações políticas. Rapidamente, a FIFA se posicionou afirmando que a

atitude dos funcionários locais de retirar os torcedores do estádio foi errada. Segundo a federação, a mensagem estampada nas camisetas é uma questão social e não política, e por isso eles não infringiram as regras da FIFA (LIMA, 2019).

No mesmo dia desse posicionamento, em 18 de junho de 2019, o presidente da FIFA enviou uma carta à Federação Iraniana de Futebol, sendo extremamente taxativo ao dizer que embora ele esteja

[...] ciente dos desafios e das sensibilidades culturais, simplesmente temos que continuar progredindo, não somente porque o devemos às mulheres de todo o mundo, mas também porque temos a responsabilidade de fazê-lo, conforme os princípios mais básicos estabelecidos nos Estatutos da FIFA (CHURCH, 2019).

Além disso, o presidente intimou as autoridades iranianas a tomarem medidas para fazer com que o país desse passos concretos nessa direção.

Nesse contexto de profundos questionamentos internos e externos, o Irã, pela primeira vez em quatro décadas, se viu obrigado a permitir que as cidadãs de seu país finalmente pudessem comparecer a seus estádios e assistir a uma partida da sua seleção. No dia 10 de outubro de 2019, em Teerã, as iranianas viram a República Islâmica do Irã vencer contra o Camboja em um jogo para as classificatórias da Copa do Mundo, onde os quatro mil ingressos disponibilizados para mulheres se esgotaram em menos de uma hora (FALAH, 2019).

A questão da presença das iranianas em seus estádios perpassou as fronteiras esportivas e se tornou uma questão de luta por mais igualdade em um país marcado pela repressão aos direitos das mulheres. A vitória, no entanto, precisa ser cuidadosamente analisada. Apenas 5% dos ingressos vendidos nos jogos foram destinados às mulheres, o que levou a ceticismo e questionamentos. A ONG de direitos humanos, *Humans Rights Watch*, afirmou que a cota foi discriminatória, enganosa e perigosa; violando “a constituição, os estatutos e a política de direitos humanos da FIFA” (GREZ, 2019). As iranianas mostraram ainda uma preocupação de que a permissão pudesse se resumir àquela única partida e não se estender para outros jogos, além de que, no dia do jogo, em torno de 50 religiosos protestaram próximos ao parlamento iraniano contra o fim da proibição (PIETROMARCHI, 2019).

É imprescindível que a Federação Internacional de Futebol e outros atores internacionais continuem pressionando a República Islâmica do Irã a adotar medidas ainda mais abrangentes e permissivas para que as mulheres iranianas tenham efetivamente o seu direito ao esporte assegurado. Tais organizações,

responsáveis por uma fiscalização e manutenção de direito, devem agir mais forte e rapidamente contra esses tipos de abusos, havendo necessidade de se investigar se há outros países e órgãos que estejam desrespeitando as regras desportivas. Faz-se necessário também que as mulheres iranianas não cessem as reivindicações, tendo em vista que a pressão da sociedade civil é de suma importância para que avanços sejam feitos. Por fim, a pergunta que persiste é: Quantas mais mulheres serão queimadas até que seus direitos sejam plenamente assegurados?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMED, Shireen. When women were forced to choose between faith and football. **The Guardian**. Publicado em: 28 abril de 2018. Disponível em <https://www.theguardian.com/football/blog/2018/apr/28/women-faith-football-hijab-fifa-ban>. Acesso em: 05 dez. de 2019.

CHURCH, Michael. FIFA pressiona Irã para permitir mulheres em estádios de futebol. **Agência Brasil**, Hong Kong. Publicado em: 21 jun. de 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/fifa-pressiona-ira-para-permitir-mulheres-em-estadios-de-futebol>. Acesso em: 07 dez. de 2019.

COLLETT, Mike. Jordan World Cup a significant milestone for women. **Reuters**. Publicado em: 08 maio de 2015. Disponível em: <https://uk.reuters.com/article/uk-soccer-world-jordan-idUKKBN0NT1IC20150508>. Acesso em: 07 dez. de 2019.

ENLOE, Cynthia. **Gender Makes the World Go Round: where are the women?** In: ENLOE, Cynthia. Banana, Beaches and Bases. Los Angeles: University of California Press, 2014. (36 pgs)

FALAH, Ali. Mulheres iranianas conquistam direito de ir ao estádio, mas separadas dos homens. **El País**, Teerã. Publicado em: 11 out. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/09/deportes/1570640150_889536.html. Acesso em: 07 dez. de 2019.

GREZ, Matias. Iranian women allowed to enter football stadium for first time in 40 years. **CNN**. Publicado em: 10 out. de 2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/10/09/football/iranian-women-world-cup-qualifier-cambodia-fifa-spt-intl/index.html>. Acesso em: 07 dez. de 2019.

HEIN, Shabnam von. Torcedora iraniana morre após se autoimolar. **Deutsche Welle**. Publicado em: 10 set. de 2019. Disponível em: <https://p.dw.com/p/3PMQQ>. Acesso em: 07 dez. de 2019.

HOMEWOOD, Brian. United Nations backs hijab in football. **Reuters**, Genebra. Publicado em: 29 fev. de 2012. Disponível em: <https://uk.reuters.com/article/uk-soccer-fifa-hijab/uk-united-nations-backs-hijab-in-football-idUKTRE81S1DB20120229>. Acesso em: 01 dez. de 2019.

INTERNACIONAL, Anistia. Irã: morte chocante de fã de futebol que se incendia expõe impacto do desprezo pelos direitos das mulheres. **Anistia Internacional**. Publicado em: 10 set. de 2019. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2019/09/iran-shocking-death-of-football-fan-who-set-herself-on-fire-exposes-impact-of-contempt>

for-womens-rights/. Acesso em: 07 dez. 2019.

IQBAL, Razia, GREVEMBERG, David and SALAZAR, Juan Pablo. **Olympism in Action Fórum. What is the Future of the Sports?** The International Olympic Committee. Working Zone 9A: 6th October 2018. Working Zone Excellence. IOC Media. Disponível em: <https://www.olympic.org/olympism-in-action/sport-as-a-human-right>. Buenos Aires, Argentina. Publicado em: 6 out. 2018. Acesso em: 07 dez. 2019.

JOHNSTON, Patrick. Hijab ban driving women away from soccer. **Reuters**, Cingapura. Publicado em: 20 fev. de 2012. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-olympics-soccer-hijab/hijab-ban-driving-women-away-from-soccer-idUSTRE8190T620120210>. Acesso em: 01 dez. de 2019.

KAMPFF, Andrei. Entre a fé e o esporte - o uso do véu islâmico em competições. **Lei em campo**. Publicado em: 11 dez. de 2018. Disponível em <https://leiemcampo.com.br/entre-a-fe-e-o-esporte-o-uso-do-veu-islamico-em-competicoes/>. Acesso em: 01 dez. de 2019.

LIMA, Juliana Domingos de. Como o movimento das iranianas para ir ao estádio chegou à Copa. **Nexo**. Publicado em: 21 jun. de 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/06/21/Como-o-movimento-das-iranianas-para-ir-ao-est%C3%A1dio-chegou-%C3%A0-Copa>. Acesso em: 07 dez. de 2019.

HAUSEN, Anton; LAUNIALA, Annika. **Introduction to the human rights based approach: A guide for Finnish NGOs and their partners**. UNICEF Finland, 2015.

PIETROMARCHI, Virginia. 'Taking back what's ours': Iran's women to attend historic match. **Al Jazeera**. Publicado em: 10 out. de 2019. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2019/10/iran-women-attend-historic-match-191009090321072.html>. Acesso em: 07 dez. de 2019.

WATTA, Evelyn et. al. **Olympism in Action Fórum - Women in Sport**. The International Olympic Committee. Working Zone 9A: Working Zone Excellence. IOC Media. Publicado em: 5 out. 2018. Disponível em: <https://www.olympic.org/olympism-in-action/women-in-sport>. Buenos Aires, Argentina. 6th October 2018. Acesso em: 07 dez. 2019.